NOVELLAE OLIVARUM

ANO XIV NÚMERO 131 JANEIRO 1956

UM JUBILEU SACERDOTAL 1
VESTIGIA ECCLESIAE — Gustave Thils 2
O CATOLICISMO NA INGLATERRA VOLTA AO SEU ANTIGO ESPLENDOR — Valdemar Magalhães 5
A LITURGIA NO ANGLICANISMO — Baltasar Farinha 12
O ORIENTE CRISTÃO — Teixeira Dias 17
PANORAMA
— Semana Social de Nancy 24
— A Igreja e o Problema Cinematográfico 26
LIVROS NOVOS 28
CRÓNICA — Albino Cleto 31

Novidade Literária

LIÇÕES DE ABISMO

Romance de

Gustavo Corção

PREMIADO PELO INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA, COMO O MELHOR ROMANCE DE 1951.

—— «Creio, sem temor de exagerar, de ter lido o maior livro de ficção que já se escreveu no Brasil».

(Menotti del Pichia)

—— «Uma sensibilidade muito fina que o coloca próximo de certos escritores católicos, como Pascal, solicitados ao mesmo tempo e com igual força pela razão e pelo sentimento».

(Sérgio Milliet)

—— «Um livro que focaliza um problema comum ao homem de todas as latitudes, de todas as cores, de todas as situações sociais: o problema da contingência humana; o problema da morte...».

(R. Ozanam de Andrade, em Magnificat)

SET

Sociedade Editorial «O Trabalhador»

Rua António Maria Cardoso, 68 - 2.º

Um livro da Selecção SET **Esc. 30$00**

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIASTICA

Director	— FERNANDO DA PIEDADE MELRO
Redactores	— ANTÓNIO AUGUSTO SARAIVA LEITÃO
	— JOSÉ GONÇALVES MENDES
Proprietário e Editor	— NICOLAU DIAS BAPTISTA
Administrador	— ANTÓNIO TEIXEIRA DE SOUSA

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

AO CLERO

e demais educadores

Só a **Casa Desporto** pode fornecer o competente material desportivo para Seminários, colégios, escolas e catequeses com a qualidade e sortido necessários e com descontos especiais.

Tome nota para seu proveito:

CASA DESPORTO

Rua da Madalena, 196 **LISBOA**

Telefone 30606

Casa Avé Maria

(B. S. Geada L.da)

Artigos religiosos

Rua da Prata, 75 — LISBOA

Telef. 26127

Antiga Fábrica de Velas

DE

Alfredo Cadete Pereira

Alcanena — Monsant

Velas de cera Litúrgicas e de promessas

Preços especiais para os Rev.dos Padres e Irmandades

Ampro Stiflist

O PROJECTOR SONORO PARA FILME DE 16 mm MAIS PERFEITO DA ACTUALIDADE



•LEVE •TRANSPORTÁVEL NUMA SÓ MALETA •ROBUSTO •PROJECÇÃO EXTRA LUMINOSA — 750 OU 1000 WATTS •REPRODUÇÃO FIDELISSIMA DO SOM •TOMADA PARA MICROFONE OU PICK-UP •PREÇO MODERADO

REPRESENTANTE:

M. SIMÕES JR. R. da Conceição, 46-1º - Tel. 3 0306 - Lisboa

Ao adquirir uma máquina fotográfica,

EXIJA QUE SEJA EQUIPADA COM A FAMOSA OPTICA ORIGINAL CARL ZEISS JENA

REPUTADA EM TODO O MUNDO COMO O EXPOENTE MAIS ALTO EM QUALIDADE

Praktica

REFLEX 24x36 mm COM PRISMA PENTAGONAL ADAPTÁVEL



•COM OBJECTIVAS INTERMUTÁVEIS ZEISS TESSAR F 3/5 E BIOTAR F/2 DE IENA, COM DIAFRÁGMAS AUTOMÁTICOS • OBTURADOR DE CORTINA DESDE 1/2 A 1/500 DE SEG • FOCAGEM DESDE 0,5 M. • SINCRONIZAÇÃO TOTAL, ETC.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL

M. SIMÕES JR. — R. da Conceição, 46-1º - Tel. 3 0306 - Lisboa

Grave na sua memória
onde gravar
os seus trabalhos



Fotogravura
ARMEIS & MORENO, LDA.
T.S. JOÃO DA PRAÇA, 38
TELEF. 28055
LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos R.M.C.
PR. DOS RESTAURADORES, 13 - LISBOA

Lanifícios pretos, meias de algodão, lã e Nylon

Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de preço

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses



SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAIS



Orgãos Harmoniuns

das mais afamadas marcas mundiais

Grande diversidade de modelos

Peça demonstração ou esclarecimentos a

VADECA

Rua de S. António, 210 PORTO

Defenda a sua vista

Usando Lentes e Armações de 1.ª qualidade

Casa especializada na execução de receitas médicas



Óculos + Estojos
Lupas + Binóculos
Termómetros
Barómetros + etc.

OPTICAL, L.DA

Rua Eugénio dos Santos, 30 -2.º LISBOA — Telef. 367762

Concedemos os maiores descontos

UM JUBILEU SACERDOTAL



Valem os homens pelo que recebem de Deus. E quanto se abrem a Deus tanto a abundância dos divinos dons os torna luz do mundo. Modelo dos outros homens, são-no enquanto assemelhados a Cristo — ideia substancial de toda a obra de Deus.

Esses homens, pois, surgem em nosso caminho com cintilações da revelação divina, reflexos do Sol Invicto — o Verbo Incarnado. Os seus exemplos alimentam-nos com a força que tem o Pão da Mesa eucarística; penetram as suas palavras como semente fecunda do Evangelho; obras saídas das mãos de Deus são as que realizam esses homens.

Surge-nos assim, na estrada do sacerdócio, a figura veneranda do Senhor Núncio Apostólico em Portugal, D. Fernando Cento.

A Sua Excelência Reverendíssima, Novellae Olivarum — como voz dos alunos do Seminário de Cristo-Rei — presta humilde homenagem pelos seus 50 anos de vida sacerdotal, vida cuja alta valia para a Igreja bem realçada ficou nas múltiplas e solenes manifestações que durante o ano jubilar se realizaram já na Itália, já em Portugal, já nas muitas partes do mundo onde conquistaram larga simpatia as distintas qualidades e elevadas virtudes do ilustre representante do Sumo Pontífice.

VESTIGIA ECCLESIAE

Acabamos de receber do seu autor um livro verdadeiramente fundamental para o estudo do Ecumenismo: «*Histoire Doctrinal du Mouvement Oecuménique*» (1) do Cónego Gustave Thils. Já no ano passado o ilustre teólogo, Professor da Universidade de Lovaina, nos falara desta sua última obra, então no prelo. E, agora, ela surge-nos como um decidido passo adiante na reflexão teológica sobre um problema tão actual e que tanto importa à realidade do Reino de Deus na Terra.

Com um trabalho de extenuativa documentação e de exposição doutrinal duma aguda perspicácia, Gustave Thils conquistou o louvor dos próprios ecumenistas e colocou-se na linha de frente da Teologia Católica perante o Ecumenismo.

Expondo os factos e as doutrinas dos movimentos e assembleias que prepararam o actual *facto* e *doutrina* do Movimento Ecuménico orgânicamente estruturado e dirigido pelo *Conselho Ecuménico das Igrejas* (com sede em Genebra), Gustave Thils contrapõe-nos a posição da Igreja Católica perante o movimento, bem como o juízo da Teologia Católica sobre o significado do Momivento Ecuménico e, mais, apresenta em síntese valiosa as características, a necessidade e a actualidade da «teologia do ecumenismo».

Desta obra, que dará tanto a católicos como a não católicos ocasião de sério labor (àqueles para mais despertada consciência da acuidade do problema e maior acerto nos *juízos* a fazer sobre os não-unidos; a estes para mais luminoso conhecimento do caminho que os levará à única e verdadeira Unidade em Cristo — A Santa Igreja de Roma), transcrevemos alguns períodos do capítulo «*A Teologia Católica e o Ecumenismo*» sobre o discutido tema dos *vestigia Ecclesiae*.

«O estudo dos *vestigia Ecclesiae*, — dos elementos de Igreja, — da sua significação teológica, é o facto do Século XX. Nem, como veremos, basta dizer que existem «notas negativas» para assim resolver a questão dos «vestigia Ecclesiae»! Existem as notas e os elementos constitutivos; existem os vestígios de cristianismo. Porque intimamente ligada à própria definição de Igreja, a teoria dos *vestigia Ecclesiae* é complexa e nada fácil. Indubitàvelmente, há-de constituir nos anos mais chegados o objecto de rebuscados estudos por parte dos teólogos católicos. Sem querermos nem acreditarmos encontrar nela a solução do problema ecuménico, podemos considerá-la como um capítulo da eclesiologia católica em si mesmo importante e susceptível de trazer uma certa luminosidade às discussões doutrinais que nós induzimos entre cristãos desunidos.» (...) *(pág. 183)*.

---

(1) Em. Warny, Editeur — Lovaina — 1955

Dado que há «elementos de Igreja» podemos dizer que «as confissões separadas da comunhão romana *possuem* alguma coisa do que, existindo na sua perfeição essencial na Igreja romana, faz desta a Igreja de Cristo. Podemos, mesmo, ir até à afirmação de que essas confissões *são* num certo sentido (e, uma vez mais, a títulos e graus diversos) *alguma coisa* do que é esta Igreja enquanto Igreja de Cristo» (1). Quando, por exemplo, alguém é vàlidamente baptizado numa confissão cristã não-romana, entra, segundo parece, na Igreja verdadeira, porque não há mais que uma e única verdadeira Igreja. Sucederá isto assim, escreve o P. Dumont, para com as comunidades cristãs? A questão é delicada. Como exprimir o seu pensamento com maior precisão teológica? Assim como — diz ele — podemos distinguir na alma as *partes integrantes,* — as que a constituem — e as *partes potenciais,* — as que lhe exprimem um poder, uma potencialidade, como a inteligência, a vontade — assim, «os elementos, autênticamente originados com a revelação divina e com a instituição da Igreja por Cristo, elementos que as confissões dissidentes continuam a possuir em comum com a Igreja romana, considerados naquelas podem chamar-se suas partes *quase-potenciais.* Nelas, com efeito, apenas se exprimem e manifestam certos aspectos particulares do poder da Igreja.» (2) (...) *(pág. 191-192).*

Há valores cristãos autênticos, isto é, «elementos de Igreja» nas comunidades não-romanas. Que sucederá, pois, em caso de regresso?

Mons. Journet considera as coisas do ponto de vista das próprias cristandades dissidentes, e julga poder concluir que o bem por elas possuido num estado imperfeito e incompleto, adquire, pelo facto da sua reincorporação na Igreja católica, a perfeição essencial que faltava a esse bem. (...)

Mas podemos considerar as coisas do ponto de vista da Igreja católica. Aqui, os teólogos católicos estão de acordo em dois pontos: há uma trazida de valores cristãos e, até por vezes, de elementos de Igreja; depois, seja o que se trouxer, jamais se poderá chamar essencial ou substancial, porque isso era admitir que a verdadeira Igreja deixou de existir, *quoad sustantiam,* o que contradiria as promessas do Senhor. (...)

---

(1), (2) — J. Dumond, O. P. «*Les conditions de l'unité chrétienne*»

Quando se avança nas perguntas aos teólogos sobre a natureza deste bem trazido não-substancial, muitos respondem que se trata, para a Igreja, duma actuação de valores de catolicidade que nela existiam em estado de potência. Entende-se catolicidade pela da extensão geográfica habitualmente com conotação de ordem qualitativa. (...)

Essa actuação da catolicidade da Igreja não é sòmente a actuação da sua *nota* de catolicidade; é um pôr em relevo, um desenvolvimento, uma explicitação que pode afectar não importa que valor cristão e não importa que «elemento de Igreja». O regresso dos cristãos dissidentes seria incontestàvelmente um progresso para a unidade e visibilidade da Igreja. Mas, mais ainda, cada Igreja, cada Confissão poderia trazer à Igreja certos traços próprios. (...)

Estas questões mereceriam um aprofundado exame teológico. Retenhamos ao menos que é indispensável apurarmos a nossa visão das realidades eclesiásticas e o juízo que fazemos das confissões e Igrejas cristãs não-romanas. A Igreja católica realiza completamente — cremo-lo nós, como o crêem os ortodoxos da sua Igreja — a verdadeira Igreja de Cristo, nos seus elementos essenciais. Mas também sabemos que certos destes elementos podem estar menos actualizados do que outros, que certos valores cristãos fundamentais podem estar menos florescentes do que outros em determinadas épocas, como por exemplo o lugar da Bíblia na vida cristã. Por outro lado, todas as confissões cristãs têm, aos nossos olhos de católicos, lacunas essenciais; faltam-lhes certos elementos constitutivos essenciais. Mas podem, talvez, actualizar os que elas possuem de uma maneira muito perfeita. Esta visão mais verdadeira nada tem absolutamente de comum com o indiferentismo em matéria de religião; representa um esforço de verdade que tem em conta pormenores que podem esgrimir-se tanto a desfavor das comunidades cristãs não-romanas como a seu favor. (...) *(pág. 193-196)*

O CATOLICISMO NA INGLATERRA VOLTA AO SEU ANTIGO ESPLENDOR

Inserido pelo baptismo no Corpo Místico de Cristo, o cristão não pode viver para si mesmo mas sentir profundamente no seu ser a ânsia, os desejos, a vontade de Jesus e da Igreja. Membro desse Corpo real e sublime, onde tudo é revestido de amor, a sua atitude deve exprimir a mais verdadeira solidariedade, sob pena de viver um cristianismo mesquinho, ou, mesmo, atraiçoar os outros membros no seu esforço de conquista e ascensão para Deus. Parte integrante desse edifício espiritual onde todas as pedras têm uma importância com reflexos eternos, o cristão não pode viver no seio da Igreja como elemento estranho, porque a Igreja, não é um agregado de indivíduos, onde cada um é o centro de si mesmo, mas um todo único, onde cada baptizado se despersonaliza para se identificar na unidade de Cristo.

Quem vive destas perspectivas, cuja amplitude se confunde com a própra extensão da Igreja, já há muito notou, com o maior regozijo, o extraordinário movimento de conversões, que, desde o século passado até hoje tem conduzido a Roma muitos milhares de protestantes ilustres, sobretudo na Inglaterra, onde o catolicismo atingirá de novo o seu antigo esplendor.

Evangelizada já no século II, a Inglaterra, depois de várias vicissitudes, aderiu tão perfeitamente à doutrina de Cristo que dentro em breve se tornava o centro irradiador da mais fecunda missionação. Muitas nações da Europa por ela receberam a fé e aos seus filhos devem a fundação dos primeiros mosteiros, que tanta influência exerceriam, no progresso, civilização e costumes desses povos. Muitos foram os santos ilustres e sábios eminentes que então enriqueceram a Igreja com a luz do seu exemplo e o fulgor do seu saber, e a cultura ocidental deve-lhe uma grande parte da sua riqueza pelo influxo que recebeu sobretudo através da Universidade de Oxford.

S. Patrício e St.º Agostinho de Cantuária, S. Columbano e S. Willibrord, S. Bonifácio e tantos outros que a Igreja venera, são dignos de se colocarem ao lado dos que mais intensamente viveram a mensagem evan-

gélica e se tornaram faróis de luz no caminho de Deus. E para atestar o alto nível dos seus mais representativos valores intelectuais basta citar o Venerável Beda, historador e exegeta, Alcuino que tanto se notabilizou no tempo de Carlos Magno que o chamou para tomar a direcção da Escola Palatina, Alexandre de Hales justamente cognominado «doctor irrefragabilis» pela profundidade do seu saber, Rogério Bacon e o Bemaventurado João Duns Scoto que pela argúcia do seu espírito mereceu ser chamado o «doctor subtilis»

O advento do protestantismo na Inglaterra haveria de ser a ruína de tão brilhante tradição católica.

Preparado por uma teologia errónea, motivado pelos abusos e desordens da Igreja, fundado num nacionalismo exaltado, acolhido pelo egoísmo dos soberanos ávidos de independência e desejosos de se apoderarem dos bens eclesiásticos, o protestantismo atingiria mais ou menos todas as nações uma vez que o povo ignorante da verdadeira doutrina, não teria força moral para reagir em contrário.

Todavia, na Inglaterra, nunca este movimento herético faria grandes progressos se não fosse violentamente imposto pelo poder real. Foi Henrique VIII que, perante a recusa do Papa de legitimar a sua paixão por Ana Bolena, se separou de Roma e se proclamou único e supremo chefe da Igreja em Inglaterra. Pouco depois Crammer fazendo aceitar as heresias calvinistas consumava a separação dando origem ao Anglicanismo.

Os católicos fiéis ao Romano Pontífice foram submetidos a uma violenta perseguição e todos os seus esforços para restaurar de novo o catolicismo só concorreram para que mais ferozmente fossem maltratados. As igrejas foram saqueadas, os conventos destruídos ou expulsos e martirizados os seus monges nem escapando ao morticínio 18 cartuxos, as prisões encheram-se de inocentes que muitas vezes pereceram debaixo dos castigos infligidos, e quantos foram bàrbaramente mortos pela fé que defendiam entre as quais se contam 11 bispos, além de muitos padres e leigos. Numa situação destas, toda a resistência se tornava inútil e, até, prejudicial. O caminho do exílio era a única solução para fugir a leis tão iníquas que violavam os mais sagrados direitos do homem não lhes reconhecendo o poder de testar, herdar ou adquirir qualquer bem nas mesmas condições que os restantes cidadãos. Não admira que nestas circunstâncias, firmadas em tão altos poderes, o Protestantismo dominasse de tal maneira que em 1760 não se contassem por mais de

60.000 os católicos que viviam na Inglaterra. Mas esta situação não havia de durar muito. É precisamente no reinado de Jorge III (1760-1820), inimigo irreconciliável do catolicismo, que surge o primeiro movimento de restauração, pela conquista da liberdade e igualdade perante a lei.

A Irlanda, embora sob o governo da Inglaterra, conseguiu permanecer firme na fé católica, tendo de sofrer, contudo, as humilhações impostas pela legislação injusta que não lhes reconhecia o direito de exercer funções públicas e os obrigava a pagar dízimos aos pastores protestantes. Entretanto, já em 1780 os católicos irlandeses eram admitidos como eleitores enquanto os seus irmãos ingleses continuavam destituídos de todos os direitos políticos. Foi então que Daniel O'Connel, considerado verdadeiro herói nacional e libertador da nação, congregou todos os católicos e dirigiu os seus esforços para obter a total emancipação em todo o Reino-Unido. Organizou o partido católico, «Catholic association», sob uma forma legal e imprimiu-lhe tal vigor e prestígio que o Parlamento Inglês viu-se obrigado a tratar sèriamente da situação na Irlanda. Possuídos da mais audaciosa coragem, os irlandeses dirigiram vários protestos ao governo a favor dos restantes católicos oprimidos e como isto não desse resultado recorreram a reclamações extra-parlamentares. Concorreram às eleições e conseguiram eleger O'Connell como seu representante. Era necessário todavia anular a lei que impedia que alguém se sentasse no parlamento sem prestar um juramento anti-católico e cismático. A reacção continuou dirigida com tal persistência e aprumo que acabou por conquistar as próprias simpatias dos ministros Wellington e Peel que em 1828 apresentaram perante as Câmaras a proposta da emancipação real dos católicos. Como Jorge IV se opusesse, Peel pediu a demissão. Não tendo por quem o substituir, o Rei chamou-o novamente aceitando o seu projecto e assim a emancipação foi aprovada por 348 votos contra 160. Jorge IV teve de a sancionar. Desde então os católicos readquiriram ràpidamente todos os seus direitos. Para o futuro poderiam exercer todos os cargos públicos e fazer parte do Parlamento sem abjurarem a sua fé.

O'Connell abriu as portas aos deputados católicos cujo número actual revela bem a vitalidade do Catolicismo na Inglaterra. Nas recentes eleições, de 34 candidatos católicos foram eleitos 23, sendo 10 conservadores e 13 pertencentes ao partido trabalhista.

O segundo e o mais notável movimento, que trouxe ao seio da Igreja católica muitos protestantes da mais alta sociedade, conhece-o a história

com o nome de «Movimento de Oxford» por nessa cidade ter a sua origem.

Nascido por imposição real, não admira que o protestantismo inglês tivesse de reconhecer como chefe supremo não já o Papa mas o poder civil. Por isso é que, ainda hoje, as decisões eclesiásticas necessitam da aprovação parlamentar para se poderem considerar válidas. Todavia, esta sujeição do poder espiritual ao temporal, longe de ser aceite por todos, tem sido combatida por aqueles que a consideram uma usurpação.

Por outro lado, construído sobre o mais liberal individualismo, o protestantismo fez de cada fiel a própria regra de fé. A interpretação livre da Bíblia deu lugar a todos os desvios doutrinais de tal maneira que se pode afirmar com toda a verdade que, actualmente, não há protestantismo mas protestantes. Contam-se por centenas as diversas seitas que se dizem protestantes mas que admitem princípios distintos e opostos, embora afirmem que tais princípios dependem da inspiração do Espírito Santo. Perante este absurdo temos de concluir que o protestantismo é històricamente a negação prática da verdade do mesmo Espírito. Mas são muitos, os que, incapazes de ultrapassarem a educação que receberam e o ambiente que os rodeia, não conseguem ver a falsidade da sua posição e vivem contentes com a sua fé. A estes a graça divina tocará o coração e levá-lo-á ao conhecimento da verdade total. Foi o que aconteceu a Newman que sinceramente podia dizer, quando, antes da sua conversação, se encontrava doente na Itália: «eu não hei-de morrer, porque não tenho pecado contra a luz... E Deus patenteou-lhe a ocasião, quando, de regresso à Inglaterra, encontrou os seus amigos empenhados em obstar a que fosse aprovada a proposta de lei governamental que suprimia um certo número de dioceses na Irlanda. Foi, então, que teve início o «movimento de Oxford». Os seus autores, em grande parte clérigos universitários, não se contentaram com protestar contra tal usurpação dos direitos da Igreja, mas criaram um verdadeiro movimento religioso tendente a aproximar o anglicanismo da cristandade antiga pelo retorno ao dogma e à teologia. Reconheciam pràticamente o valor da tradição e dela procuravam extrair os princípios que identificariam, a seus olhos, a igreja anglicana com o verdadeiro pensamento de Cristo. Entre os que mais concorreram para este trabalho, merecem ser destacados: Froude, Keble, Pusey e Ward, mas Henrique Newman é sem dúvida a figura central na história deste movimento. Para atingir tal finalidade julgaram não haver melhor maneira do que empreender um estudo profundo dos primeiros Padres da

Igreja onde encontrariam por certo a mensagem cristã tal qual tinha saído dos lábios do divino Mestre. Mas esse estudo revelou-lhes o que eles não quereriam saber. Essa verdade que procuravam, possui-a a Igreja romana embora, para eles, estivesse deturpada num ou noutro ponto por alguns exageros. Conclusão revolucionária que atingia em cheio a suposta segurança doutrinal do anglicanismo e vibrava um golpe profundo em tantos preconceitos contra Roma. Imediatamente se levantaram veementes protestos contra tal afirmação e os bispos anglicanos dirigiram ao seu autor fulminantes condenações. Acusavam Newman e os seus colaboradores de «*romanismo*» apesar de tantas vezes ter atacado violentamente a Igreja católica. Secundado por Ward e Pusey foi-lhe fácil defender-se, afirmando contudo que a verdade se encontrava a igual distância de Roma e da Igreja de Henrique VIII. Apesar de toda a oposição, caminhavam cada vez mais apressadamente ao encontro do Vaticano. Examinando o paralelismo que existia entre formulários anglicanos e as primeiras heresias cristológicas Newman viu claramente que se indentificavam, o que o levou a dizer: «vi o meu rosto nesse espelho e eu era um monofisita». A antiguidade acabava de lhe mostrar que a religião que seguia estava em contraste flagrante com esse cristianismo verdadeiro que tinha as suas raízes na tradição apostólica. Uma pesada angústia agitava não só o seu espírito como o de todos que à volta dele viviam da mesma preocupação religiosa. Onde estaria a verdade? Roma será para o futuro o centro dos seus estudos. Em 1843, Newman retrata todas as acusações que fez contra a Igreja Católica e, perante a impossibilidade de continuar nessa situação de erro, despede-se da querida congregação anglicana de Litlemore, para, na meditação e oração, passar 2 anos no maior recolhimento esperando que Deus lhe mostre que só Roma possui a verdadeira fé. Esse momento chegou e Newman a 8 de Outubro de 1845 pedia finalmente para ser admitido no seio da Igreja católica e no dia seguinte fazia a sua profissão de fé entre as mãos do padre Dominic, religioso passionista. Toda a comunidade de Litlemore seguiu o seu exemplo. O mesmo não aconteceu porém, com Keble e Pusey que se contentaram com o «*Anglo-catolicismo*», o que causou a Newman uma profunda tristeza.

A notícia da sua conversão espalhou-se por toda a parte e produziu o maior abalo entre o meio clerical e académico de toda a Inglaterra. Já Ward e outros o tinham precedido na mesma decisão movidos pelas mesmas conclusões a que chegaram, mas muitos devem, ao gesto desta alma

tão nobre e genial, o passo definitivo. Pouco depois podiam contar-se por mais de 300 os clérigos e graduados de Oxford que escolhiam o caminho de Roma. Iniciado por influência de Newman, o movimento de conversão dos clérigos anglicanos não mais parou e hoje o número de convertidos ultrapassa a soma de mil e quatrocentos. Com razão Haureau-Dangin podia afirmar que «nada de semelhante se vira desde a Reforma». Dir-se-á que a decisão de Leão XIII, que em 1896 declarou inválidas as ordenações anglicanas depois de ter determinado um rigoroso estudo sobre o assunto, atrasou este movimento em virtude das reacções que então surgiram, mas verdadeiramente tem concorrido para que muitos, considerando o problema, reconheçam a nulidade do seu sacerdócio e se voltem para Roma, a depositária fiel das instituições de Cristo. Foi o que recentemente sucedeu ao Rev.º Walton Hannah, secretário da activa associação religiosa — «Grupo da Anunciação» — composta por 2.000 membros do clero anglicano.

A sua decisão provocou um grande alvoroço em virtude do seu prestígio e das fortes razões que a motivaram.

Em Julho último a Convocação da Igreja Anglicana resolveu estabelecer a intercomunhão com a Igreja da Índia do Sul cuja Constituição afirma explìcitamente que, aceitando a organização episcopal, o fim em vista é simplesmente facilitar a união dos diversos clérigos protestantes e não, reconhecer a necessidade da continuidade apostólica. Donde se conclui que irmanando-se, a Igreja Anglicana implìcitamente deixa de considerar de primordial importância o princípio da continuidade apostólica e, consequentemente, a validade das suas ordenações, uma vez, que, para o futuro, as ordenações das duas Igrejas se equivalem independentemente de quem as administre, que poderá ser um pastor da Igreja da Índia do Sul destituído de toda a ligação com a sucessão apostólica. Esta atitude do Rev.º Hannah, comentada apaixonadamente na Imprensa inglesa, poderá provocar um movimento de conversão mais amplo, pois, segundo ele mesmo declarou, espera que, até ao fim do ano, 20 ou 30 colegas tenham tomado a mesma resolução.

Além das anteriores, outras causas têm concorrido para este renascimento glorioso do catolicismo na Inglaterra.

Atingido pelo movimento de Oxford, Hanning faz-se católico, o que já antes tinha sucedido com Wiseman. A sua acção extraordinária levou o Romano Pontífice a confiar-lhe a direcção dos destinos da Igreja e assim

em 1850 Pio IX pode restabelecer a hierarquia constituindo o Cardeal Wiseman, Arcebispo de Westminster e Primaz da Inglaterra. Suceder-lhe-ia Hanning, organizador e defensor da classe operária a quem a Inglaterra deve a supressão duma perigosa greve que provàvelmente degeneraria numa revolução. Sustentada por mãos tão hábeis, a Igreja adquiria novas forças e caminhava com passos firmes para novos triunfos. Em 1908 o Congresso Eucarístico realizado em Londres mostrou os grandes progressos feitos, e até hoje a linha de ascensão não foi mais quebrada. Bem ao contrário de todas as correntes protestantes, que dia a dia vêm diminuir o número de seus fiéis, a Igreja Católica é a única que acusa um movimento constante e crescente. Em 1821 os católicos não passavam de meio milhão; em 1938 já somavam 2.650.000; actualmente ultrapassa os 3 milhões. De ano para anó o catolicismo em Inglaterra recebe um aumento de 100.000 membros assim distribuídos: 30.000 filhos de famílias católicas; 60.000 emigrantes em grande parte da Irlanda; os restantes são convertidos cuja média oscila entre 11.000 e 12.000. O mesmo se diga em relação ao clero: em 1850 os sacerdotes católicos eram 270 e as religiosas 58; hoje o número total do clero é aproximadamente 7.000 e as religiosas 1.075. Isto mesmo o reconhecem as mais altas individualidades anglicanas e não é a primeira vez que, atemorizados, o afirmam pùblicamente. O Dr. Wilson, Bispo anglicano de Chehusford disse mesmo que «dentro de 25 anos, a Igreja de Roma pode ser a maior numèricamente e a mais influente politicamente de todas as confissões cristãs na Inglaterra». Perante tal realidade a Igreja católica não mais pode ser considerada instituição estrangeira. Pela sua vitalidade ela atinge todas as actividades nacionais e hoje a Inglaterra deve-lhe muito dos seus melhores valores. Graham Greene, Evelyn Waugh, Bruce Marshall, Chesterton, Hilário Belloc e tantos outros são figuras mundiais no campo da literatura e do pensamento.

Que atracção não exercerá a Igreja que conta no seu seio convertidos tão notáveis? E, se nos lembrarmos do prestígio dos últimos Papas, poderemos compreender os sucessos sempre em aumento do catolicismo na Inglaterra. A própria vitalidade é um motivo de conversão pois quando a Igreja se consegue identificar com Cristo, adquire uma força à qual ninguém pode resistir repetindo-se então um novo Pentecostes.

Oremos a Deus para que estas esperanças se realizem pois só Deus é a última razão de todos estes acontecimentos.

VALDEMAR MAGALHAES

A LITURGIA NO ANGLICANISMO

O Anglicanismo surge no séc. XVI como a revolta da Inglaterra contra Roma. Ao contrário do que sucedera com o Luteranismo, cuja rebelião teve em Lutero apenas o executor e orientador, pois o movimento vinha da massa, no Anglicanismo dá-se o inverso. A rebelião nasce e é imposta pelo rei ao povo inglês.

Henrique VIII, cego pela sua paixão a Ana Bolena, ele que merecera de Leão X o título de «Defensor da Fé» contra o Luteranismo, em Convocação de 1531 faz-se proclamar «Chefe Supremo da Igreja de Inglaterra».

Em 1533 casa com Ana Bolena, significando o corte com Roma. A Bula de excomunhão responde com um Concílio Universal. Em 1534, quando Clemente VII dá a sentença definitiva, declarando válido o casamento com Catarina de Aragão, dá-se o Acto de Supremacia, pelo qual recebe sancão legislativa a Convocação de 1531. (1)

John Fisher, bispo de Rochester, Tomás Moro, chanceler do Reino e muitos outros, foram condenados à morte por se recusarem a aceitar o juramento de Supremacia.

Estava inaugurado o cisma em Inglaterra. No entanto, a heresia não começa ainda. A ortodoxia mantém-se durante a vida de Henrique VIII († 1547). Mas sem a autoridade infalível do Papa, em breve virá a heresia «a maior de todas as heresias» como alguém chamou ao Protestantismo.

Este passo é dado por Eduardo VI (1547-1553). Rei com nove anos apenas, é preciso criar um Conselho de Regência, o qual será presidido por Cranmer, imbuído de ideias protestantes. A Inglaterra torna-se então refúgio de Protestantes sobretudo Calvinistas.

Começa Cranmer por tomar medidas tendentes a uma reforma doutrinal e disciplinar da Igreja de Inglaterra; e não encontrando resistência, leva longe, como veremos, o seu programa de Reforma.

*
* *

Em 1549 aparece o *1.º Book of Common Prayer*». Incluído nele vinha um rito para «*The svffer of the Lorde, commonly called the Masse*». (2)

O sentido da Missa é apenas o de uma *comemoração,* embora se possa ainda admitir a Presença eucarística. Aparece já alterada a fórmula da Comunhão. A antiga fórmula «Corpus Christi» à qual o comungante respondia «Amen» e a contemporânea «Corpus Domini N. J. C. custodiat...» eram clara expressão da Presença real.

No «*Book of Common Prayer*» a fórmula é a seguinte: «O Corpo de N.S.J.C., *que por ti se deu,* guarde o teu corpo e a tua alma para a vida Eterna».

A evolução litúrgica vai a par com a evolução doutrinal. É que a Liturgia é a expressão duma Fé: «Lex orandi, lex credendi».

Três anos mais tarde, isto é, em 1552, aparece o 2.º «*Book*», onde se nota já grande influência calvinista.

O plano da Missa aparece-nos aí completamente alterado: o seu «canon» ou «anáfora» consiste apenas numa «*Prayer of Humble Acess*» e numa «*Prayer of Consecration*», breve comemoração da Última Ceia. A Comunhão do ministro e do povo segue imediatamente a Consagração, «para impedir uma possível adoração ou outro uso supérfluo do Sacramento»!!!

---

(1) Llorca, «*Manual de História Eclesiástica*», pág. 475 ss.
(2) «*A Ceia do Senhor, comumente chamada Missa*».

O «Gloria in excelsis» e o Pater Noster» foram mudados para depois da Comunhão.

O «Benedictus qui venit...» foi simplesmente suprimido do «Sanctus» (= negação manifesta da transubstanciação). (1)

Comparemos a fórmula da Comunhão com a anterior. A interpretação agora já não pode ser ortodoxa:

«Toma e come *isto, em memória de que* Cristo morreu por ti, e nutre-te dele *no teu coração pela fé,* com acção de graças». «Bebe *isto, em memória de que* por ti foi derramado o Sangue de Cristo e dá graças». (2) É a expressão da doutrina a que já se chegara.

Eduardo VI introduziu ainda mudanças no rito das ordenações, o que fez com que elas passassem a ser inválidas, como em 13 de Setembro de 1890 declarou Leão XIII na Bula «*Apostolicae Curae*». (3)

*
* *

Um ano após o aparecimento deste 2.º «*Prayer Book*» sobe ao trono Maria, a Católica (1553-1558). Tenta restabelecer o Catolicismo, restaurar a antiga liturgia e reatar as relações com Roma. Com tal fim são condenados mais de 200 reformadores, entre os quais o célebre Crammer.

Sucede-lhe, porém, Isabel (1558-1603) e com ela volta de novo a instaurar-se o Anglicanismo em Inglaterra. Em 1559 aparece e é imposto por lei o 3.º «*Prayer Book*» (substancialmente idêntico ao segundo). A norma doutrinal é fixada pelos «39 Artigos» de sabor mais ou menos luterano, os quais foram apresentados à Convocação em 1562 e no ano seguinte sancionados pela Rainha.

Os bispos católicos, à excepção de um, que aliás deixou de exercer as funções episcopais, foram depostos por se recusarem ao novo Acto de Supremacia, exigido pela Rainha.

Começou então, nova hierarquia em Inglaterra com Mathew Parker, o pai do actual episcopado anglicano, sagrado (?) por Barlow assistido por outros três bispos, segundo o rito de 1552. (2)

*
* *

No séc. XVII a Inglaterra bate-se com duas tendências opostas: a do Puritanismo, que tem o seu reconhecimento público na «*Hamfton Court Conference*» de 1604 e outra chamada «*Caroline Divines*» que aparece no reinado de Carlos I (1625--1649) e que tem como principal propugnador o arcebispo de Cantuária, Land (1633-1645).

Este último movimento defendia, contra os Puritanos, o Episcopado e os Sacramentos. Pretendia restaurar a primitiva Igreja (dos primeiros séculos) e purificá-la dos «acrescentos e superstições romanas». Defendia a necessidade de sucessão apostólica, os poderes sacerdotais de perdoar os pecados, a Eucaristia, como *sacrifício* de «louvor e acção de graças» e uma espécie de «indefinível» presença real, que não a transubstanciação.

---

(1) Joseph Starmann, «*The Anglican Liturgical Revival*», in Worship, Julho de 1955, p. 37 e segs.

(2) Take and eat this in remembrance that Christ died for thee, and feed in him in thy heart by faith with thanksgiving».
«Drink this in remembrance that Christ's blood was shed for thee, and be thanskful.

(3) A. S. Sl. 29 (1896-1897), 198-200. Cf. Denz. 1963 ss.; Cf. et Dictionaire de Theologie Catholique, Tome XI, II Partie, col. 1154-1193.

(4) Cf. Dict. Cath., art. citado. Leão XIII declarou inválidas as ordenações anglicanas e inexistente o episcopado no Anglicanismo, isto em 1896. Tê-lo-ão de novo agora? O atrás citado art.º do rev.º Worship afirma que um número de Anglicanos receberam válida ordenação, ùltimamente, de bispos velhos-católicos (Alem. e Suiça) e de ortodoxos (orientais).

Mas Land teve pouco sucesso em Inglaterra e resolve criar, com o auxílio dos bispos da Escócia, uma Liturgia mais de acordo com as suas convicções.

A primeira tentativa para pôr em uso tal liturgia acabou num tumulto em 23 de Julho de 1637 na Catedral de S. Gil em Edimburgo, em que os assistentes chegaram a atirar com os bancos acima dos ministros!!!

Não obstante o que fica dito, muitas das actuais liturgias derivam da «*Scottish Tradition*» de 1637.

Entretanto a rebelião puritana atinge o seu auge e em 1643 é abolido o Episcopado pelo Parlamento. Pouco depois são executados o próprio Land e o Rei. (1)

Em 1660 restaura-se a tradição Landiana, embora algumas concessões sejam feitas aos Puritanos.

O «*Prayer Book*» que em 1604 sofrera ligeiras revisões no tempo de Jaime I (1603-1625), foi agora definitivamente fixado, depois da restauração dos *Stuarts*. Este «*Revised Prayer Book*» é imposto pelo Acto de Uniformidade em 1662.

Sendo, no geral, uma refundição do «*Prayer Book*» de 1552, nota-se todavia, nalguns pontos, um retorno ao «*Book of Common Prayer*» de 1549, incluindo também sugestões puritanas.

Foi neste que se juntaram as palavras «ad officium et opus presbyteri (ou episcopi)» à fórmula «Accipe Spiritum Sanctum», o que aliás nada veio acrescentar para a validade das ordenações.

A liturgia eucarística deste «*Prayer Book*» fica sendo a partir desta data o único rito *autorizado* em Inglaterra, País de Gales, América Central e do Sul (exceptuando México e Brasil), etc...

Mas, entretanto, há um facto que vem modificar um pouco este estado de coisas: é um cisma que se dá na Igreja Anglicana. Jaime II é destronado em 1688. Guilherme e Maria exigem juramento de fidelidade aos seus súbditos. Recusam-se a fazê-lo o arcebispo de Cantuária, com outros sete bispos, 400 clérigos e grande número de leigos. Por este facto ficaram conhecidos na história pelo nome de *Non Jurors*.

Este cisma continua até 1801, e os *Non Jurors* juntamente com a Igreja Episcopaliana da Escócia usam as formas Landianas de 1637.

* * *

Por volta de 1830 surge o Movimento de Oxford.

O Anglicanismo achava-se, de facto, em estado de crise. Basta dizer-se que Daniel Whitby e Samuel Clarke negavam a Divindade de Jesus. Benjamim Hoadly atacou a doutrina duma Igreja visível. No entanto os seus escritos assim como os de Clarke eram recomendados por Herring 1693-1757), arcebispo de Cantuária !!! (2)

Os Tractarianos (assim eram chamados os do Movimento de Oxford) vieram despertar a Igreja de Inglaterra. Neste movimento podemos notar três tendências: Uma, que preconizava o regresso às fórmulas de Land. Era sustentada por John Keble. Uma segunda tendência, defendida por Pusey, tentava voltar à Igreja da Antiguidade. Simpatia e relações com os ortodoxos (orientais).

A terceira corrente foi a de John Herring Newmam, cuja tendência ia para o Ocidente, para Roma. O ponto principal desta corrente era que a Igreja de Inglaterra é um ramo da Única Igreja Católica. A estes se passou a chamar Anglo-Católicos.

Foram estes que começaram a introduzir nos ofícios litúrgicos vestes, incenso, velas, cruzes, etc., e a interpolar orações e cerimónias da Missa Romana.

Infelizmente, não chegaram estes elementos a entrar no Anglicanismo oficial. Pelo contrário. Criou-se até uma «*English Church Association*», expressamente para combater os Anglo-Católicos. Entre 1868 e 1880 a dita Associação gastou 400.000 £ em processar clérigos «ritualistas», alguns dos quais estiveram

---

(1) Rev.º A. J. Janssens, «Anglicanisme, Studies in Comparative Religion», p. 6.
(2) A. J. Janssens, «*Anglicanisme*», p. 18.

vários anos na prisão ùnicamente por usarem vestes litúrgicas no Altar! (1)

*
* *

PROGRESSOS LITÚRGICOS RECENTES

Até aqui podemos dizer que a Liturgia era única no Anglicanismo (exceptuando o caso dos «Non Jurors»). Actualmente, há nada menos de oito ritos *autorizados* e um sem número deles não autorizados.

Este movimento litúrgico não se limita, de modo especial na América, apenas aos Anglo-Católicos mas também a toda Igreja Episcopaliana. Não deixa de ser curioso que a tendência é de aproximação dos princípios católicos.

Uma das melhores liturgias anglicanas actuais é sem dúvida o rito da Índia de 1933. Tem ele um carácter profundamente oriental, baseado na liturgia de Santiago (Jerusalém) e em muitas partes características do bizantino. Mas também inclui elementos romanos como *Gloria in excelsis, Agnus Dei, etc.*. Omite, pelo contrário, outros elementos tìpicamente anglicanos como o «*Humble Access*» por exemplo.

Em 1928 foi autorizada nos E. U. uma nova Liturgia. A Igreja da Província da Africa do Sul introduziu uma liturgia provisória, autorizada desde 1954 ao lado do rito de 1662.

Em Inglaterra, o movimento tem sido mais difícil. Numa Convocação em que estavam representados o clero e os leigos, foi unânime, a aprovação do «*Deposited Book*» de 1928. O Parlamento, porém, não o autorizou, porque ele defende dever guardar-se o SS.mo para Comunhão dos doentes!

Mas, não obstante a oposição do Parlamento, o citado *Book* é usado largamente em Inglaterra. Assim, contêm o seu texto o «*Prayer Book*» de 1954 e o «*Catálogo Bíblico*» da S. P. C. K. (= Society for Promoting Christian Knowledge). No entanto, o mesmo catálogo previne: «a publicação do *Book* de 1928 não significa que ele possa ser tido como autorizado para uso das Igrejas».

Onde o desenvolvimento litúrgico tem sido maior, talvez, do que em todo o resto do Anglicanismo, é em certas zonas das Missões Anglicanas: o distrito missionário do Haiti usa já uma tradução francesa do *Book* americano de 1928, mas suprimir-lhe os «39 Artigos» e substituiu a forma para a confissão auricular...

O rito indiano de 1952 afirma fortemente a natureza sacrifical da Missa «a oblação do Corpo e Sangue de Jesus Cristo Nosso Senhor». Por isso ele fez arrancar à «*Standing Liturgical Commission*» da Igreja Episcopaliana dos E. U. a seguinte exclamação oficial: «Crammer tê-los-ia excomungado»! (2)

*
* *

A língua usada nestas liturgias é em geral o vernáculo. Mas às vezes também se ouve «celebrar missa» em latim! Os beneditinos anglicanos da abadia de Nashdon em Inglaterra servem-se do *Missale Monasticum* e do *Breviarium Monasticum*. Os beneditinos da ilha de Caldey também se serviram deles! Deve ser o único caso da história, em que fora do catolicismo, se reza pelo Papa!!!

*
* *

Não obstante todas estas aproximações do Catolicismo, não pensemos que será fácil a sua volta à Única Verdadeira Igreja de Cristo. Juntamente com os Ortodoxos, os Anglo-Católicos são os que mais perto estão do Catolicismo. Mas não tenhamos ilusões. A conversão, pelo menos em massa, do Anglicanismo não existe»! Isto disse-nos há algum tempo aqui

---

(1) *Worship*, Julho de 1955, art. citado, p. 378 ss.
(2) Crammer would have excommunicated them!

no Seminário um dominicano, filho de Anglicanos e ele próprio ex-anglicano. A Inglaterra vive em grande parte num indeferentismo religioso e num materialismo absoluto. Aí apenas se *vive* — não é paradoxo — o Catolicismo; não o Anglicanismo!

A Liturgia não é para eles uma vida; será, talvez, formalismo. Eles próprios o sentem e é isso, creio, que os leva a procurar no Catolicismo essa Vida.

Últimamente converteram-se seis Anglo-Católicos ao Catolicismo. Um deles, Walton Hannah, ex-pastor anglicano foi recebido na Igreja Católica em 7 de Setembro último e encontra-se presentemente no Colégio de S. Beda em Roma, onde se prepara para ser ordenado sacerdote! (1)

Todo este movimento litúrgico no Anglicanismo, representa, ao que parece, não uma preocupação, um esforço de adaptação às circunstâncias actuais com o fim de mais autenticamente fazer viver a Liturgia — como no Catolicismo — mas sim, uma inquietação, uma insatisfação com o que possuem!

A Liturgia é no Anglicanismo apenas um elo — o único talvez — que os use entre si. É também o único veículo do ensino anglicano e de algum modo como que um substituto do Magistério da Igreja, que repudiam. Este representa para um Anglicano uma negação da liberdade de pensar.. Um católico é para ele um diminuído.! E um Anglicano verá tudo pelo seu prisma. Assim, no séc. XVI deu-se a Cisão Romana, não a Anglicana!

Creio, por isso, absolutamente inútil, embora talvez necessário, discussões com Anglicanos sobre o Primado ou questões afins. É que não basta tirar as dúvidas a alguém para ela se converter. A argumentação impecável de Jesus convencia certamente os fariseus. Punha-os sem resposta. No entanto, nem a ressurreição de Lázaro os moveu a aceitarem a sua Pessoa Divina, muito pelo contrário! E no entanto Ele era Deus, a própria Verdade! É que a religião mais do que uma doutrina a conhecer é sobretudo uma Personalidade a abraçar, a viver e a amar. E isto exige uma entrega absoluta e incondicional de nós mesmos, o que mais custa: esta Graça dá-a Deus... E o «Espírito sopra onde quer...». (2)

BALTASAR FARINHA

---

(1) Cf. *Informations Catholiques Internationales*,. 1 Nov. 1955, p. 2; *Ecclesia* (A. C. E.) de 12 de Nov. de 1955. É de notar que as ordenações nestes casos não são «sub conditione» mas em forma absoluta, o que mostra a certeza da Igreja sobre a não validade das ordenações anglicanas.

(2) João, 3/8;

O ORIENTE CRISTÃO

Fez no dia 16 de Janeiro do ano passado novecentos anos que os legados pontifícios depuseram sobre o altar da Catedral de Santa Sofia, a bula de excomunhão do Patriarca de Constantinopla. Consumava-se assim a separação que, há séculos já, se vinha arrastando.

Este facto pode servir de pretexto para analisarmos o que foi a separação e quais as causas que a motivaram e também o que são hoje as igrejas separadas e quais os obstáculos a uma nova união.

O que foi a separação e quais as suas causas

Disse que a excomunhão do patriarca Miguel Cerulário, no dia 16 de Julho de 1054 foi a consumação dum facto que. há muito, ameaçava a Igreja. Mais, ele foi a realização definitiva do que já várias vezes tinha acontecido por maior ou menor espaço de tempo.

Efectivamente já a partir do séc. IV começam a aparecer divergências e cisões no Oriente, embora com características diversas porque motivadas por causas diferentes — as heresias. Assim aparecem, entre outros erros, sobretudo o nestorianismo e o monofisismo que negavam em Cristo respectivamente a subsistência das duas naturezas numa só pessoa afirmando portanto a dualidade de pessoas, e a existência de duas naturezas. Estes erros, mesmo depois de terem sido condenados nos Concílios de Éfeso, em 431 — os nestorianos e de Calcedónia, em 451 — os monofisitas, foram sustentados pelos seus mentores e foram-se infiltrando em algumas Igrejas como, por exemplo, a Persa, a Syro-Malabar (Nestorianas) e a Copta, a Arménia, etc. (monofisitas).

Mas coisa pior estava para vir.

Com o estabelecimento da capital do Império em Constantinopla, a Sé episcopal aí situada, até então sem grande importância, começa a adquiri-la agora mercê da protecção que o imperador lhe dispensa.

Por outro lado a divisão do Império, seguida, pouco depois da queda do ramo ocidental e, por fim, o estabelecimento do novo Império Romano, contribuem largamente para o afastamento, caminho da separação, entre o Oriente e o Ocidente Cristãos. Se juntarmos a isto a diversidade de

temperamentos e, portanto, maneiras diferentes de reagir perante a especulação teológica, a diferença de língua e as variantes na liturgia, teremos as causas principais da separação.

Nos meados do séc. IX dá-se mais um passo para a ruptura definitiva. Presidia aos destinos da Igreja Universal o Papa Nicolau II e sentava-se na Cadeira Patriarcal de Constantinopla o célebre Patriarca Fócio.

Politicamente, não era ocasião de boas relações entre Oriente e Ocidente. Tratava-se de ver qual dos dois Impérios conseguia dominar os povos da Europa Central e Oriental recentemente convertidos ao Cristianismo e, por isso, integrados na órbita das nações civilizadas. Evidentemente que isto tinha de se fazer sentir na esfera religiosa, dada a grande união, mais que união, interpenetração existente entre as duas esferas.

Tudo agravado com as divergências acima notadas, em especial disciplinares e até teológicas — o celibato eclesiástico e a «questão do Filioque», levam à primeira ruptura.

Pouco tempo, porém, devia durar esta situação. Ainda em vida de Fócio (879) era de novo estabelecida a união. Mas dois séculos mais tarde (1054) o caso volta a repetir-se e agora definitivamente. E também há um assunto político a influir — a guerra que fazem, ora a Roma, ora a Bizâncio, os Normandos estabelecidos no Reino das Duas Cicílias. O que podia ser causa de união tendo em vista a defesa de um inimigo comum, foi-o de separação e separação definitiva.

As várias tentativas para desfazer esta situação acabam por agravá-la ainda mais. A primeira foram as Cruzadas. Os grandes senhores que iam ao Oriente movidos pelo espírito de fé, acabaram por se deixar vencer pelo espírito de soberba e sede de poderio e, por isso, trataram de conquistar o Oriente para si e de estabelecer aí a hierarquia latina. Vêm depois os dois concílios ecuménicos de Lião em 1274 e Florença em 1439 cujos resultados foram igualmente nulos. Por fim, veio ainda agravar a situação a queda do Império Oriental (1453) e o declínio do Patriarcado Constantinopolitano que foi perdendo o prestígio à medida que Moscovo o ia adquirindo.

As Igrejas cismáticas: seu contacto actual e divergências da Igreja Católica

As diversas Igrejas orientais podem agrupar-se, actualmente em dois ramos distintos, conforme as causas que lhe deram origem — as que provieram das heresias e as que sairam do Cisma de Constantinopla.

As primeiras, nestorianas ou monofisitas, conquanto sejam bastantes, salvo uma ou outra, têm pouca importância dado o reduzido número de fiéis.

A principal igreja de influência nestoriana é a da Pérsia, também chamada da Caldeia ou Sírio-Caldeia. Esta igreja adquiriu muito cedo grande importância, mantendo-se sempre um pouco à margem do Ocidente, apenas aceitando as decisões dos concílios ecuménicos. Após uma guerra com o Império Romano rompeu definitivamente a união religosa e, porque sempre tinha mostrado certa propensão para o nestorianismo, acabou por aceitar a heresia no concílio de Seleucida em 486. Depois disto, espalhou-a por toda a Ásia chegando a ter mais de 200 bispados. O declínio começou com as invasões mongólicas e com a conversão destes bárbaros ao islamismo. Hoje a maior parte dos fiéis estão, de novo, unidos à verdadeira Igreja. Os outros, cerca de 40.000, vivem sobretudo no Kurdistan. As diferenças que afastam estes cristãos da Igreja Católica são mais de ordem especulativa, mesmo em matéria cristológica.

Outras igrejas nestorianas são as Siro-Malabares. Receberam a heresia em contacto com a Igreja Persa, mas no séc. XVI uniram-se a Roma. Logo no século seguinte, porém, alguns fiéis passaram para a Igreja Jacobita e no séc. XIX um outro grupo aderiu ao anglicanismo, permanecendo um terceiro grupo, ainda que reduzido, no nestorianismo. A maioria, contudo, permaneceu fiel à Igreja.

Das Igrejas monofisitas são particularmente importantes a Igreja da Abissínia ou Etiópia e a da Arménia.

A primeira desde muito cedo esteve sob a influência e jurisdição do patriarca Copta de Alexandria. Esta influência era tal que o chefe religioso, o «Aouna», era não só consagrado pelo dito partriarca copta, mas ele mesmo era um monge copta. Só em 1937 começou a ser escolhido entre os monges etíopes e sòmente em 1946 essa escolha foi aprovada pelo santo-sínodo copta. Esta Igreja etíope, além das doutrinas monofisitas, deixou-se impregnar também por influências judaicas e pagãs. Dos nove milhões de habitantes que tem hoje o país, pertencem-lhe cerca de 3.500.000.

A Arménia recebeu muito bem o cristianismo pois que no fim do séc. III já toda a população era cristã. De carácter bastante nacional, era governada por um «*catholicos*» de funções hereditárias. Embora tivesse ficado alheia às controvérsias cristológicas durante o séc. V, no

fim veio a abraçar a heresia monofisita nos seus concílios de Vagharchapat (491) e Dviu (506). Hoje pertencem à Igreja Arménia cerca de 2.000.000 de fiéis dos quais metade se encontram dispersos pela Europa, América, etc., enquanto a outra metade reside nas repúblicas soviéticas da Arménia e do Azerbeidajan. Em vez de um, tem hoje dois «*catholicos*» exercendo cada um o seu poder em territórios diversos.

São também monofisitas as igrejas Jacobitas da Síria e a copta do Egipto. A primeira pertencem cerca de 800.000 fiéis disseminados pela Mesopotâmia, Rendistau e Índia. A ela pertencem os célebres cristãos de S. Tomé, onde se tem notado um movimento de regresso à Igreja.

A Igreja copta, com um milhão de fiéis, aproximadamente, é governada por um patriarca com sede no Cairo. Também nela as divergências que hoje a separam da verdadeira Igreja parecem ser apenas questão de palavras. Estão já unidos cerca de 35.000 coptas.

O segundo ramo é formado, como disse atrás, pelas igrejas saídas do Cisma de Constantinopla.

A separação, vimo-lo já, deu-se sob a tendência para o predomínio, para um primado de honra do Patriarca de Constantinopla. Durante algum tempo este primado honorífico foi um facto, certamente sustentado pela presença do imperador pois que, vimo-lo já também, com a queda do Império ele foi-se esbatendo. Assim se foi chegando àquela categoria de igrejas autocéfalas em que está hoje dividido o Oriente Cristão cismático. Embora o Patriarca de Constantinopla se intitule ainda ecuménico e se lhe atribua um certo primado de honra, o certo é que ele não tem qualquer interferência nas outras igrejas.

A primeira dessas autocefalias é, se atendermos à ordem cronológica e honorífica, o Patriarcado de Constantinopla. Os territórios onde se exerce a sua jurisdição. que ao tempo do domínio turco iam dos Cárpatos e do Mar Adriático às fronteiras da Pérsia, e da Rússia a Creta, hoje são muito limitados. Além da Metrópole de Constantinopla, com cerca de 100.000 fiéis, dependem também do «patriarca ecuménico» as metrópoles do Dodecaneso com o número aproximado de 100.000 crentes, o Arcebispado Grego da América, que conta à volta de 200.000 fiéis, e ainda a célebre república monástica do Monte Athos. É interessante notar que lá habitam alguns milhares de monges divididos por 20 mosteiros, 12 pequenos conventos e ainda por 204 celas isoladas e 456 eremitérios. Estes monges dedicam-se quase exclusivamente à oração e, sobretudo, à oração

liturgia cujo centro é, como não podia deixar de ser, a Santa Missa. Têm também uma especial predilecção pelo culto de Nossa Senhora que, segundo a lenda, prometeu a sua especial protecção a fim de nunca ali se extinguir a vida monástica.

Depois de Constantinopla vem a Igreja Russa que foi a primeira a separar-se daquela. As suas origens remontam aos fins do séc. X, princípios do séc. XI. Com efeito a princesa Olga, viúva do príncipe Igor, depois de ter recebido o baptismo em Constantinopla, pediu para serem enviados à Rússia pregadores do Evangelho. A primeira tentativa falhou, por isso só mais tarde (988), já no tempo de Wladimiro, neto da princesa Olga, a Palavra de Deus pôde ser pregada com algum resultado, a ponto de em 1035 ser estabelecida a primeira Sé arquiepiscopal em Kiew. Esta Igreja, que em 1461 se tornou independente em relação a Constantinopla e em 1589 foi elevada à categoria de autocéfala pela criação do patriarcado em Moscovo, tem atravessado grandes vicissitudes. Tal como a de Constantinopla ela cresceu apoiada ao poder civil e ,por isso, colheu todas as vantagens e, sobretudo, todos os inconvenientes que costumam vir de tal união.

A primeira das vicissitudes a surgir foi uma espécie de Cisma no seio da própria Igreja. Foram causa dele uma série de reformas litúrgicas e canónicas levadas a cabo pelo patriarca Nikou. Uma parte considerável dos fiéis não aceitou as reformas e estabeleceu-se o cisma. Mantiveram-se, contudo, numa fé e vida puras apesar de nem sempre terem bispos para os guiar.

O segundo contratempo surgiu em pleno ano de 1700. O Tzar Pedro o Grande, no seu movimento de europeização da Rússia também quis reformar a Igreja. Como a Europa que lhe servia de modelo era a parte protestante tratou de protestantizar as instituições eclesiásticas. Foi assim que o Patriarca foi substituído por um Santo-Sínodo com sede em S. Petesburgo e em que o Tzar tinha larga influência através do «Alto-Procurador». Essa influência fez-se sentir várias vezes quer para limitar e orientar a vida monástica que, como sabemos, sempre teve grande importância em todo o Oriente, quer até para se imiscuir na elaboração teológica.

Finalmente, quando parecia chegado o momento de grandes realizações em ordem à reforma que tanto se fazia sentir, surge a revolução bolchevista de 1917. Todas as esperanças cairam por terra. A princípio

parecia que a libertação tinha sido um bem para a Igreja ,libertando-a das peias imperiais. Os bispos chegaram mesmo a reunir um concílio e a restabelecer a dignidade patriarcal na pessoa de Tikhou. Mas o reverso da medalha não tardou a aparecer e, com ele, a confusão e a perseguição.

Nos últimos anos, depois da última guerra, as coisas parecem estar de novo a normalizar-se. A Igreja já tem mais liberdade sobretudo no que respeita à realização do culto e formação do clero. O Patriarcado que voltara a ficar vago após a morte de Tikhou em 1925 está agora ocupado pelo Patriarca Alexis. Mas não tenhamos ilusões; toda esta liberdade, que é afinal apenas aparente, não passa de uma mudança de tática do regime. Além destas igrejas existem hoje várias outras em todos aqueles países que depois das duas últimas guerras, e mesmo antes, alcançaram a independência política. É o caso da Grécia, da Roménia, da Jugoslávia, etc.. São todas igrejas nacionais que, após a independência política conquistaram a religiosa. Algumas delas sofrem também as influências do regime comunista. Tal é o caso da Jugoslávia.

Há ainda os três antigos patriarcados melkitas de Antioquia, Alexandria e Jerusalém que hoje contam reduzido número de fiéis. Vejamos agora as diferenças e também as semelhanças entre estas Igrejas e a Igreja Católica. As primeiras podemos dividi-las em externas ou exteriores e internas ou doutrinais.

São divergências exteriores ou meramente disciplinares o rito, a língua litúrgica, o casamento dos clérigos, a legislação canónica, etc.. Ora nós sabemos que nada disto impede a união pois que no seio da Igreja há verdadeiros católicos que usam ritos orientais na sua própra língua, em que os seus clérigos se casam e que se regem por leis canónicas próprias (o C. D. C. publicado em 1917 diz respeito sòmente aos católicos de rito latino).

O mesmo se não diz, porém, das divergências doutrinais. São elas de facto o obstáculo que se impõe remover «para que haja um só rebanho e um só pastor». A primeira e principal é, sem dúvida, a questão do primado. No fundo foi ela a verdadeira causa da separação e, por conseguinte, é o principal obstáculo à união. Os orientais não querem ver no Papa mais que um primado de honra e mesmo este não em razão de ser sucessor de S Pedro mas de ter a sede na capital do Império. As outras divergências são a «questão do Filioque», isto é, enquanto a Igreja afirma a processão do Esp. Santo do Pai e do Filho os Orientais dizem-na do Pai

pelo Filho. Conquanto o Concílio de Florença tenha declarado as duas fórmulas idênticas, as coisas mantêm-se no mesmo pé. Há divergências ainda, quanto ao momento preciso da transubstanciação na Santa Missa e quanto ao purgatório que, na prática, eles admitem visto rezarem pelos defuntos.

Mas, graças a Deus, há também muito de comum: — Toda a fé Cristológica e Trinitária, a Sagrada Escritura, os sete primeiros concílios ecuménicos, todos os sacramentos, sacerdócio e episcopado, a doutrina e culto da SS.ma Virgem, a vida monástica, inúmeros e importantes elementos da vida espiritual, e, finalmente, toda a riqueza patrística.

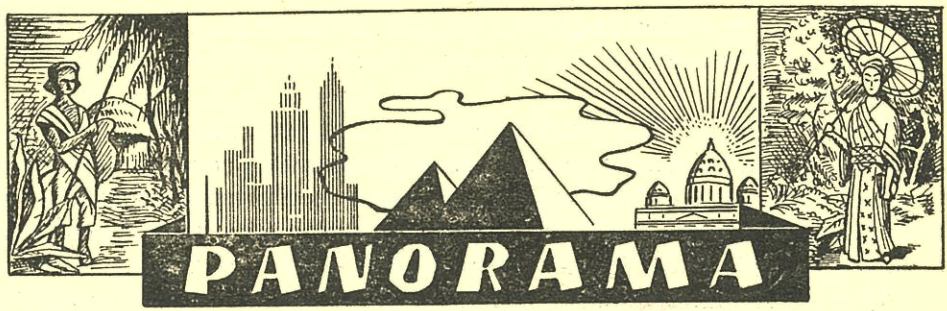
Merecem, portanto, estas Cristandades Orientais o nosso respeito, a nossa estima e a nossa veneração.

O Santo Padre Pio XI no Discurso de 9 de Janeiro de 1927 não temeu afirmar: «Os pedaços saídos duma rocha aurífera, são eles mesmos auríferos. As veneráveis cristandades orientais conservam uma tal santidade no seu objecto que merecem não sòmente o nosso respeito mas até a nossa simpatia».

Atendamos, por conseguinte, às palavras do Papa e façamos quanto estiver ao nosso alcance, sobretudo rezando, para que a nota de Catolicidade da Santa Igreja de Deus seja mais visível aos olhos do mundo céptico e descrente.

TEIXEIRA DIAS

Cf. — «Les églises séparées» in «Ecclesia-encyclopédie populaire des connaissances religieuse» págs. 934-942
— «l'actualité religieuse dans le monde» n.os 33-34 de 1954



SEMANA SOCIAL DE NANCY

Realizou-se em Nancy nos passados dias 19 e 24 de Julho último a 42.ª Semana Social de França. Têm estas semanas já 52 anos de existência, pois foram fundadas em 1904 por Marius Gonin e Adéodat Boissard.

O tema da Semana «As técnicas de difusão na civilização contemporânea: Imprensa, Rádio, Cinema e Televisão», era concreto e actual, e fazia prever um número mais elevado de ouvintes, o que realmente aconteceu.

Não podia passar despercebido à Igreja, sempre solícita com o bem dos seus filhos, uma acontecimento de tal importância. Foi por isso que Monsenhor dell'Acqua, Substituto da Secretaria do Estado, dirigiu a Carlos Flory, presidente das Semanas Sociais, uma extensa carta sobre o assunto.

Após breve introdução, diz assim Monsenhor dell'Acqua: «O benevolente interesse de Sua Santidade pelos vossos trabalhos não pode, aliás, admirar os que sabem com que atenção ele segue a rápida evolução das técnicas de difusão».

Lembra a seguir diversos discursos do Santo Padre sobre o assunto e continua: «Assim, o Chefe da Igreja, a par de todos os progressos da ciência, nestes domínios como em tantos outros, falou com clareza e com energia, aconselhando os católicos a participarem activamente no desenvolvimento destas técnicas de difusão, como, também, a preservá-las das desordens que podem originar. Os mestres da Semana de Nancy estimarão fazerem-se eco destes ensinamentos pontifícios». E mais adiante: «As rápidas e prodigiosas descobertas da ciência que se encontram na origem destas técnicas, são boas em si; são como que um louvor ao Criador. Se, postas na mão do homem, podem favorecer a difusão da verdade, do belo e do bem, ou ser pelo contrário, meios de corrupção individual ou colectiva, nem por isso o progresso científico tem, em si, menos valor. Longe de o repelir, a Igreja aplaude-o, de boa vontade, ensina os seus filhos a servirem-se dele para um fim útil, e convida-os a desenvolverem as maravilhosas possibilidades assim oferecidas à propagação da palavra de Deus e postas ao serviço da comunidade humana. Todavia — e sem pretender ignorar este aspecto positivo — é necessário reconhecer que o desenvolvimento das técnicas de difusão no século XX, pôs um problema novo e sem dúvida mais grave.

Já não se trata apenas do bom ou mau emprego que o homem ou a sociedade podem fazer destes poderosos meios de acção postos ao seu dispor: é o domínio desmesurado que o instrumento, escapando ao «controle» do seu autor, tende hoje a tomar sobre a pessoa humana. Mais perigoso ainda do que o progresso do mecanismo do século passado, de que chegou a dizer-se que enobrecia a matéria à custa do operário, a erupção, a

nossa sociedade, das modernas técnicas de difusão, ameaça o homem na sua autonomia espiritual. Pela pressão duma informação dirigida, pela sedução da imagem, pela obsessão da propaganda, segue-se que, de futuro, a acção conjugada da Imprensa, da Rádio, do Cinema e da Televisão pode chegar a modificar, sensivelmente, a consciência do indivíduo; invade, pouco a pouco, o seu universo mental, e determina comportamentos que se julgam espontâneos».

O Substituto da Secretaria de Estado dá mais adiante algumas indicações par. a acção: «A primeira tarefa dos católicos sob este ponto de vista, é lembrarem-se de que existem regras morais da difusão e fazerem-nas prevalecer».

Fala do respeito das leis morais pel s particulares e pelos poderes públicos; diz depois o que se poderia fazer no plano das instituições: «Nesse ponto, (de averiguar qual a legislação mais adaptável à amplitude dos problemas surgidos de novo), ainda, os princípios da doutrina social católica traçarão o caminho entre uma concentração dos meios de difusão, exclusivamente nas mãos do Estado, e um regime que permitisse uma indevida preponderância de certos grupos de interesses particulares. A experiência revelou as desordens a que dão lugar inadmissíveis pressões por vezes exercidas por estes últimos. Mas, pelo contrário, quantos governos conhecem a tentação de abusar da sua autoridade, directa ou indirecta, sobre os meios de difusão para influenciar a opinião pública, provocá-la e orientá-la à sua vontade!... O responsável pelo bem comum deve, mais do que ninguém, dar o exemplo do respeito pela opinião: — que esclareça sem a violência, que a detenda sem a asfixiar, que a escute sem se tornar seu escravo; em resumo: que favoreça a sua progressiva educação. É que, com efeito, a mais segura defesa do homem contra a ofensiva das técnicas de difusão, ou melhor, a sua melhor colaboração no progresso dessas técnicas, reside numa sã educação da opinião pública.» Trata a seguir do respeito pela pessoa e diz «ser necessário que entre as mãos de homens conscientes das suas graves responsabilidades, estes meios de difusão se tornam os instrumentos duma sã formação da personalidade do leitor, do auditor ou do espectador.»

E quase a terminar diz assim: «Eis uma tarefa que deve prender a atenção dos católicos militantes, em união com todos os homens de boa vontade, que sentem a urgência desta salvaguarda dos valores pessoais na sociedade contemporânea... Saber ler um jornal, julgar um filme, criticar um espectáculo, saber, numa palavra, dominar os seus juízos e os seus sentimentos contra tudo quanto tende a despersonalizar o homem, tornou-se uma exigência do nosso tempo. Pais e educadores terão, pois, o cuidado de proteger a nova geração contra os novos mitos que ameaçam seduzi-la; por isso mesmo servirão eficazmente o futuro da sociedade.»

A 42.ª Semana Social de França decorreu admiràvelmente, e as lições que dela se podem tirar são numerosas. Diz ram-se alguns projectos e reformas legislativas Estas têm por fim obrigar a imprensa a aceitar, em contrapartida das importantes subvenções indirectas postais e fiscais que o Estado lhe concede, um estatuto particular que permita ao público conhecer os verdadeiros responsáveis dos jornais publicados, a origem das fontes por eles utilizadas e o pormenor da sua conta de exploração. Foi também pedida a criação de um «Office de la Radio et de la Télévision», bem como a ajuda concedida ao cinema seja dada aos «bons» filmes, não só moralmente bons, mas também tècnicamente bons. Os inquéritos das Semanas Sociais orientaram-se numa direcção muito humana e prática: o estudo da influência das técnicas audio-visuais de difusão sobre o grande público.

Foi uma semana de grande aproveitamento. Pode orgulhar-se de ter feito o primeiro estudo de conjunto e a primeira síntese sobre o grande problema levantado pela existência das técnicas modernas de informação e de expressão.

JOSÉ EDUARDO

A IGREJA E OS PROBLEMAS CINEMATOGRÁFICOS

«O cinema, acentua Pio XII, tornou-se para a geração presente problema espiritual e moral de imenso alcance». O seu profundo influxo no homem moderno pode contribuir para um suicídio universal que parece ameaçar o nosso mundo, se deixarmos transformar em veículos do mal «instrumentos de si tão aptos para educar e elevar as almas». Desde há muito que a Igreja vem acompanhando esta crescente expansão do mundo cinematográfico. A sua pungente inquietação pela sorte de tantas almas que no fundo do coração pedem apenas ao cinema um reflexo de verdade, de bem e de belo fá-la olhar com solicitude e vigilância extraordinárias para todos os problemas que pululam na arte das imagens. Como os vitrais que o homem medieval religiosamente transformou em incarnações do belo, assim também o cinema deve ser instrumento digno da glória de Deus.

Em boa hora alguns católicos iniciaram o seu trabalho neste campo, perante a indiferença e até a má vontade de certos elmentos acanhados e retrógrados que não viam no cinema senão um mero espectáculo recreativo de gente inculta. A iniciativa desses pioneiros vai adquirindo cada vez maior valor; e é já dentro da Igreja uma consoladora realidade o apostolado cinematográfico. Vejamos algo do que foi esse apostolado em 1955.

Uma vez mais a Hierarquia não lhe negou o seu apoio incondicional. Entre as declarações desta, destacam-se os discursos de Pio XII (21 de Junho e 28 de Outubro). Constituem, aliás, um documento único a satisfazer o pedido formulado na reunião dos peritos da Comissão Pontifícia de Cinema, efectuada no Vaticano de 25 a 27 de Abril de 1953. Já nesta revista se falou no 1.º discurso (n.º de Outubro-pág.s 242-247). No documento de 28 de Outubro o Santo Padre estuda entre outros assuntos o da representação no filme.

«*La Documentation Catholique*» publicou no seu número de 23 de Janeiro último um comunicado da Comissão de Informação do Episcopado Francês, assinada por Mons. Stourn. Bispo de Amiens, onde se chama a atenção para a grave responsabilidade dos católicos perante o cinema. Aí se acentua o carácter positivo dos esforços dos católicos que não se devem limitar a não ver o que é mau, mas a contribuir para o êxito de filmes elevados.

A mesma preocupação levou o episcopado latino-americano, reunido no Rio de Janeiro de 26 a 28 de Julho, a tratar, entre outros assuntos, do problema cinematográfico devido a ter sido ele um dos maiores factores de descristianização da América que não estava preparada para resistir a influência tão avassaladora.

Continuam a realizar-se em ritmo crescente reuniões internacionais. O O. C. I. C. *(Office International Catholique du Cinêma)* a que preside o P. Jean Bernard efectuou em Dublin, de 3 a 7 de Julho a reunião anual do seu conselho geral tendo também, como nos anos anteriores, promovido sessões de estudos cinematográficos. Recordamos que o tema versado em Colónia (20 a 24 de Junho de 1954) exigia uma continuação lógica sob pena de autêntico malogro; a classificação moral dos filmes de nada aproveitará se não se procurar difundir com eficiência essas normas. Com a assistência de delegados de 24 países e 4 organizações internacionais discutiram-se os problemas da difusão da censura moral dos filmes, «forma autêntica de apostolado que deve preocupar todos os católicos militantes! Dirigindo-se em nome do Papa ao Congresso, Mons. Dell'Acqua, em carta de 22 de Junho, manifesta a crescente preocupação da Igreja em transformar este poderoso meio de difusão de ideias em «instrumento de educação moral do povo». Não se poderá, todavia, moralizar os homens «sem lhes proporcionar meio de ter uma opinião amplamente esclarecida» para aceitarem voluntàriamente uma disciplina aparentemente tirânica.

Em Génova, sob a presidência do Cardeal Giuseppe Siri, efectuou-se uma se-

mana de estudos sobre os meios de adaptar o apostolado às necessidades dos tempos modernos.

Mais uma vez o cinema atraiu as atenções. Assentou-se em organizar festivais de cinema, com o fim de realçar o interesse de filmes de carácter religioso e moral. É interessante notar que foi lançado um apelo, ao clero no sentido de aprofundar os conhecimentos do mundo do cinema, para multiplicar com este os seus contactos benéficos e utilizá-lo melhor para a divulgação da doutrina e moral cristã. Como aliás se diz noutro local desta revista, a Semana Social de França, efectuada em Nancy, teve por tema as técnicas da ifusão. Nestas foi objecto de especial estudo a arte das imagens.

Com o intuito de proteger a juventude contra o influxo do mau cinema na assembleia geral da U. I. M. P. *União Internacional para Defesa da Moralidade Pública)* aprovou-se um projecto tendente a executar-se em todos os países segundo o qual seriam criados organismos dedicados ùnicamente a uma classificação rigorosa do cinema infantil e juvenil.

Os acontecimentos que vimos apontando têm, de certo modo, um carácter essencialmente teórico. Nem tudo, como aconteceu connosco, se consegue realizar duma só vez.

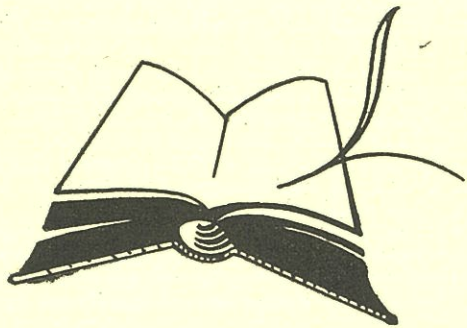
O mesmo facto se verifica no movimento, em boa hora iniciado em favor dum cinema melhor. Apesar das dificuldades levantadas por certos periódicos, casas de produção e até autoridades estatais a Legião da Decência continua, nos Estados Unidos, aquele trabalho que em 1936 mereceu de Pio XI a Encíclica «*Vigilanti Cura*». Para avaliarmos da sua actividade, basta ver que durante os 3 anos últimos fez a classificação moral de 1.008 películas cinematográficas. Na França e na Bélgica a censura continua a realizar com eficiência a sua missão. O Centro Católico de Acção Cinematográfica deste último país, celebrou este ano o seu XXV aniversário. Por decisão do Episcopado reunido em Loja, foi criado em Guayaquil (Equador) o Secretariado Nacional do Cinema Católico.

Também entre os actores se vai notando, embora vagarosamente, uma influência católica. Assim realizou-se a 16 de Maio a IV jornada Católica de Hollywood. Assistiram às cerimónias, organizadas pela artista Ann Blyth de colaboração com Pat O'Brien, 1.500 artistas, produtores, realizadores e técnicos de cinema, a que presidiu o Cardeal J. F. Mc Intyre, Arcebispo de Los Angeles. Entre as cerimónias cantou-se a missa e a comunhão. Mas o problema moral preocupa todos os credos. Na América desde há muito que protestantes e judeus bem intencionados apoiam a Legião da Decência. É consolador verificar como agora os mussulmanos do Paquistão vêm colaborar nesta cruzada, proibindo a projecção de filmes anti-religiosos ou que ridicularizem os ideais de qualquer credo.

Ao lado de uma atitude de vigilância aos maus filmes, a Igreja não deixa de encorajar a produção artística e moralmente boa. Com esse objectivo realizou-se em Viena, de 24 a 30 de Abril, a IV Semana Internacional do Cinema Católico. No mesmo sentido o O. C. I. C. concedeu em Cannes a «*Marty*», humaníssima produção norte-americana, o seu prémio destinado aos filmes «que pela sua inspiração e qualidade, mais contribuam para o progresso espiritual e desenvolvimento de valores humanos». O grande prémio anual, instituido pelo mesmo organismo foi este ano atribuido pela 1.ª vez no Congresso de Dublin atrás referido, ao filme de Elia Kasan «*Há lodo no cais*».

Esta breve enumeração, que está longe de ser exaustiva, do que a Igreja fez pelo cinema, em 1955, deve constituir para nós motivo de apreensão e incentivo poderoso. Motivo de apreensão pois a exposição «*O Cinema e a Igreja*» realizada em Maio neste Seminário bem como a reunião de estudos que de 26 a 29 de Julho alguns jovens católicos realizaram em Fátima de forma alguma corresponde, já às crescentes necessidades do nosso meio, já à responsabilidade enorme que a nós, como católicos, está reservada. Mas deve ser, também, incentivo poderoso pois nos dá a certeza de que, em qualquer iniciativa a tomar no Apostolado cinematográfico, teremos connosco toda a Igreja.

ARTUR LEMOS



Livros novos

«Cristianismo» (1)

Pieper — Raskop

No louvável intuito de oferecer ao público português as melhores obras sobre a consciência espiritual do nosso tempo, acaba a «*colecção Éfeso*» de editar o seu oitavo volume — CRISTIANISMO.

E, na verdade, que tema mais apto a dar à nossa época consciência dos seus valores espirituais, do que a apresentação às inteligências modernas da VERDADE que é actual em cada momento do tempo?

Este livro será útil a católicos e a não católicos. Aos primeiros, dar-lhes-á consciência dos tesouros da sua Santa Doutrina; aos outros, comunicará um pouco da Verdade Suprema, fonte única e inexaurível de todo o bem.

Infelizemente, a grande maioria dos homens e mesmo dos cristãos, conhece o Cristianismo, quando muito, parcelarmente. Mas é manifesto que não se pode avaliar convenientemente uma doutrina, menos ainda realizá-la, quando dela se aprende apenas alguns aspectos, e esses mesmos não totalmente.

A Doutrina Cristã, que nos permite *uma vida* em Cristo, e com Cristo e para Cristo, dá-nos, primeira e fundamentalmente, uma *fé — a fé cristã,* — alicerce e sustentáculo da mesma vida que nos comunica. Se, por um lado, a fé cristã, sem uma vida cristã, é estéril, por outro, é impossível a vida cristã séria e prática sem uma fé sólida e inabalável.

A *fé cristã* — adesão a Cristo total e aceitação das exigências que esta adesão comporta vamos buscá-la ao Dogma, substancialmente contido no Símbolo dos Apóstolos. A *Vida Cristã* realizamo-la nos Sacramentos, na prática das virtudes e preceitos, e na Sagrada Liturgia.

— Eis o que, no fundo, nos apresenta esta obra — serena e total revisão dos valores da doutrina cristã, das forças que em si contém, do perfil sobre-humano que nos convida a realizar.

NICOLAU BAPTISTA

«Eglise d'hier et d'aujourd'hui — Basile le Grand» (2)

Jean Marie Ronnat

O estudo das melhores páginas e das figuras mais eminentes dos primeiros tempos do cristianismo põe-nos em contacto com os grandes paladinos da verdade cristã, dignos continuadores das «Colunas da Igreja» que pela virtude e

(1) 8.º Vol. da «Colecção Éfeso» — Editorial Aster, — Lisboa — 1955.

(2) Les Éditions Ouvrières, Paris 1955. (Depositário exclusivo: — Edições JOC — Campo dos Mártires da Pátria 43, Lisboa).

saber fizeram do Cristianismo, de que foram arautos, não uma simples filosofia, mas uma autêntica vida.

Se é verdade que não devemos pretender encontrar na vida e escritos dos grandes Doutores da Igreja a solução para todos os problemas de hoje, o conhecimento de um e de outros ensinar-nos-ão que, afinal, as grandes preocupações através dos tempos foram sempre as mesmas e que a verdadeira solução para eles sòmente se encontra na aplicação da doutrina evangélica aos diversos aspectos da vida humana e social. Neste campo, aliás como em muitos outros, talvez os «obscuros e desconhecidos Padres e Doutores da Igreja» tenham algo a dizer aos homens do século XX. Pena é que os seus escritos e vidas permaneçam há tantos séculos encerrados em avantajados volumes que a poeira dos tempos torna ainda mais veneráveis.

Bem andaram, por isso, os «Editores Ouvrières» ao lançarem a público a colecção «*Eglise d'hier et d'aujourd'hui*», iniciando assim um trabalho de tão vasto alcance apologético e doutrinais e de tanta utilidade pela maneira acessível ao grande público como esá feito.

Principia a colecção com «*BASILE, le GRAND*», um dos grandes Doutrores da Igreja Oriental, pertencente à escola de Alexandria.

Num pequeno volume de 125 páginas, Jean Marie Ronnat condensa em admirável síntese, a vida verdadeiramente heróica desta gigantesca figura da Igreja, defensor intrépido e destemido da verdade católica, pastor afável e caridoso que, à imitação do Divino Mestre soube dar tudo o que tinha e oferecer-se a si mesmo aos poucos pelas suas ovelhas e alimentá-las nas pastagens férteis da doutrina revelada, não esquecendo sequer as exigências da sua condição de seres humanos. Na verdade, foi para mim agradável surpresa verificar como era já grande, naquele tempo, a preocupação de trazer para o convívio da vida a doutrina do Evangelho, traduzindo-a na solução dos grandes problemas da vida social que já então tinham a sua acuidade. Por isso S. Basílio não hesitou em chamar a atenção dos homens do seu tempo para aquilo a que chamamos hoje «o grande escândalo dos tempos modernos» — a injustiça social. Ao passar a vista pelos seus escritos, notando a frequência com que aborda o assunto e os termos em que o faz, temos a impressão de que já então o problema era grave. Afinal a chamada questão social e as injustiças que por vezes neste campo se praticam, são tão velhas como o mundo e a sua autêntica e verdadeira solução, tão antiga como o Evangelho.

Os extratos dos escritos mais notáveis e de maior actualidade do Santo Doutor que o autor nos apresenta na segunda parte do seu livro, parecem-me escolhidos com ajustado critério e harmoniosa variedade, embora, talvez, com demasiada predominância de textos referentes à questão social, o que se explica fàcilmente se tivermos em conta a finalidade da obra, a actualidade do problema e até, um pouco, o meio ambiente da sua publicação.

J. MENDES

«La femme dans l'Église» (1)

F. X. Arnold

A certo momento deste seu livro, F. Xavier Arnold afirma: «o *eterno feminino*... deve reconquistar o seu lugar não sòmente no mundo, mas também e sobretudo na Igreja». A investigação desse lugar consagra o conhecido Reitor da Universidade de Tubinga a obra que «*Les Éditiones Ouvrières*» agora apresentam em versão francesa.

Obra que está longe do *estilo-vulgarização*, desse estilo que, sob tal nome, disfarça muitas vezes um superficialis-

(1) Les Éditions Ouvrières, Paris, 1955.

mo de verdades diluídas e descontroladas.

Investigando os problemas que desintegram as sociedades, Arnold aponta, entre as suas causas, a perda da noção de feminilidade. Em tudo há o predomínio, o exclusivismo do viril. A própria emancipação feminina, comohoje se apregoa, é uma fingida defesa da missão da mulher, um dos aspectos mais acentuados dessa hegemonia do viril: a mulher que se iguala ao homem pela ultrapassagem das mútuas fronteiras, chegando ao abastardamento da psicologia feminina por uma assimilação indevida de caracteres especificamente másculos.

Depois de um longo e excelente capítulo em que o psicólogo estuda o que na mulher a constitui como ser humano e como pessoa, e o que ela tem de especificamente feminino, o autor continua como teólogo pela apresentação do lugar da mulher na Igreja. E é sobre alicerces bem caboucados que o Prof. F. X. Arnold, especialista em questões de Pastoral, expõe as exigências e responsabilidades da missão feminina de esposa e mãe.

Na introdução, o autor reconhece uma lacuna no seu livro: o silêncio que faz sobre o problema da virgindade, cuja importância, aliás, afirma ser capital. Verdade é que ele se justifica e promete retomar este assunto em futuro próximo.

Parece-nos, todavia, que a não inclusão neste estudo de uma referência explícita e demorada sobre a virgindade feminina não permite que se alcance, *totalmente*, a finalidade proposta: «contribuir para restabelecer «*a totalidade*» dada e exigida na ordem da Criação e da Redenção». Ficamos, assim, à espera desse outro trabalho do Dr. Arnold para que se dê a plena compreensão do que, no final do presente livro, afirma: »O futuro do Ocidente — dum Ocidente que luta pela existência e a custo merece ainda o nome de cristão — depende, primeiro, do sucesso do esforço que consiste em elevar a mulher ao grau de fé e de amor, de consciência e de influência, que corresponde à sua nobre missão dentro da nação e na Igreja».

O livro apresentado é dum capital interesse para a mulher a fim de conhecer-se na perspectiva da Criação e da Redenção; para o homem a fim de a respeitar e venerar como dada pelo Senhor para realização plena de si-mesmo, do que tem de mais profundo e mais precioso; e, até, para o orientador de almas, reconstrutor da nova ordem social a fim de iluminar-se nos caminhos a apontar.

F. MELRO

«O Guardião do Senhor» (1)

Ch. Berquin

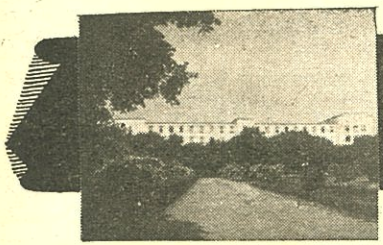
O pequeno opúsculo «O Guardião do Senhor» aparecido há meses apenas em língua portuguesa, tem, entre nós, o mérito de ser o primeiro a tratar do problema que se propõe: tirar do pó do esquecimento e da irrisão das massas tudo o que de grande encerra a nobre missão de servir o Senhor no Seu Santo Templo. Nele encontram pábulo substancioso normas seguras de conduta tanto os Sacristães, para quem, em primeiro lugar, foi escrito, como todos os demais que, sendo leigos, desempenham funções de serviço na Igreja: cantores, organistas, etc..

É, sem dúvida, o livro de cabeceira de todo o bom cristão que quer que a Sua vida corresponda à Santidade dos Mistérios que o rodeiam.

Aos editores sinceras felicitações pelo trabalho realizado e por tudo aquilo a que, no intuito de contribuir para a formação dos sacristães, têm dedicado parte do seu tempo, nomeadamente o jornal para a Sacristães: «O Altar» tão conhecido e de tão patentes méritos.

M. TEIXEIRA

(1) Edições «O Altar» — Seminário de S. Paulo — Almada, 1955



CRÓNICA

Sessões académicas

Por razões variadas, não foi possível à Academia de Santo António desenvolver, na segunda parte do período, o curso normal das costumadas sessões. A compensar, está o interesse palpável das que se fizeram.

Como se disse já, viu a Direcção grande vantagem em dedicar a época a um tema único, que sendo aliás questão actual e de importância grave só trás consigo interese e proveito: — o problema da Igreja e a Educação.

Tem sido esta a linha dos trabalhos, e o que se vem verificando é a exiguidade do tempo perante a complexidade e a importância do assunto.

Na reunião de 20 de Novembro, João Resina desenvolveu o tema da Universidade Católica.

Começou por reputar objecções antigas mas teimosas, e expoz uma apreciação crítica da universidade neutra. Partindo então de um exame aos fins da universidade verdadeira, e assentando no princípio «catolicidade, sinónimo de verdade», conseguiu dar-nos o sentido mais profundo de uma Universidade Católica. Depois, algumas realizações e perspectivas. Ainda no mesmo dia Manuel Mourão falou-nos dos Auxiliares Leigos das Missões.

A secção dos filósofos juntara-se no domingo anterior para nova reunião, a segunda do ano. Ao elemento artístico dedicou-se agora um maior cuidado. Mário de Oliveira quis analizar a obra característica e tão nacional de Correia de Oliveira. Ajudaram-no, contribuindo para a valorização do seu trabalho alguns declamadores, por sinal bem aplaudidos.

18 de Novembro

Foi o dia do Pastor. No vigésimo aniversário da nomeação para a Sé de Lisboa, mais uma vez nos juntámos a Sua Eminência em roda da Mesa da Caridade, para louvarmos o Senhor Deus no sacrifício daquele que é o Pontífice único e eterno, sacrifício de acção de graças e fonte de novas bênçãos.

À noite, em sessão íntima, representou-se a peça «Foi S. Nicolau», de H. Ghéon, que agradou pela muita originalidade.

E o mais...

— Pelas nossas catequeses mantêm-se o entusiasmo. As crianças, essas vão aumentando. Nós, só dizemos «graças a a Deus», pedindo-lhe que também aumente em nós o interesse e o amor por elas.

Lá pelo meio de Novembro, tivemos em exposição numa das nossas salas, o resultado do peditório para as Missões de uma das catequeses. Se não era grande o valor qualitativo, eram todavia de apreciar a quantidade, a va-

riedade e mais que tudo o profundo significado e grande merecimento de quanto ali se via. Foi uma prova do que são capazes as crianças e um estímulo para o nosso apostolado.

— O Canto Gregoriano continua a ser ponto de interesse para todos. A ele tem dado o Senhor Padre José Ferreira o melhor do seu esforço. Andamos agora apreciando as vantagens para uma boa execução resultantes das aulas teóricas. Foram postas há dois anos no quadro lectivo, para os três primeiros cursos. Os resultados são manifestos.

A Polifonia, igualmente, continua a merecer toda a dedicação. Devemo-la ao Senhor Padre Viçoso Freire. Mendelsehen e Imarrizaga têm sido os autores mais escolhidos.

Também estamos gratos a Sua Reverência pela sessão musical que nos proporcionou no dia 22 de Novembro. Já a esperávamos; ela é tradição no dia de Santa Cecília. Teve este ano, a valorizá-la, a primeira parte do programa toda preenchida por música clássica.

— A prática do desporto está a tomar, graças a Deus, maior incremento. Ainda bem; mais não é que uma prova de mocidade e alegria. Foi reparado um campo de voley, agora um primor, onde se poderá continuar o campeonato, que já vem despertando grande interesse. Também no futebol se regularizam as coisas de modo a garantir uma frequência normal do campo.

Ainda dentro da Associação de Santo Condestável, foi melhorada a secção de fotografia.

— Tivemos doente, na nossa família, o Senhor Dr. António de Azevedo Pires, digníssimo professor de Literatura e Moral Fundamental. Felizmente o Senhor depressa o quis melhorar, dando-nos a alegria de o tornar a ver junto de nós. Desejamos-lhe completo restabelecimento.

ALBINO CLETO

1874 — 1955

81 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO

Agência Magno

FUNERAIS — TRASLADAÇÕES
EMBALSAMAMENTOS — TRANSPORTES
ARTIGOS FÚNEBRES — DECORAÇÕES

Sede: Rua Santa Marta, 52-A, 56-A
Telefones: P.P.C.A. 43189, 43180 e 55301

ÚNICAS SUCURSAIS

Calç. Marquês de Abrantes, 113 a 117
Telef. 662772
Rua Frederico Arouca, 62 — Telef. 22
CASCAIS

Não confundir esta quase secular casa com outra há pouco criada com nome semelhante

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 — B. Baixa - CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquissima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Premiada em 7 exposições
4 estrangeiras e 3 nacionais



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista.
Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

ALTA
Qualidade
a baixos
PREÇOS

HOROPTICA, LDA

OCULISTA

RUA DE SANTA JUSTA 27 — LISBOA

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — Rua das Flores, 69

LISBOA — Praça dos Restauradores, 14

OURIVESARIA

ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

◆

Rua dos Flores, 191 a 211 PORTO

Rua Garrett (Chiado), 50 LISBOA

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 LISBOA

Américo Martins Paixão

ALFAIATE

Especializado em toda a obra eclesiástica

Rua Ferreira Borges, 37-41 LISBOA

Sociedade Editora

ALA ESQUERDA

Composição e impressão de Jornais Livros e Revistas

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telef. 268 - BEJA - Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

PAC 45

QUANDO FÔR ACAMPAR PARA AS SUAS PESCARIAS!...



Acautele-se com uma tenda fabricada com as lonas impermeáveis da

COMPANHIA NACIONAL DE FIAÇÃO E TECIDOS DE TORRES NOVAS

Rua Áurea, 191-1.º — Lisboa

«Certas tendências do mundo moderno impelem as Igrejas umas para as outras, mas não necessàriamente para a verdadeira unidade. Há hoje, evidentemente, uma tendência geral favorável às organizações em grande escala e à centralização, o que as técnicas modernas permitem. Demais, certos Estados forçam as Igrejas a unirem-se para mais fàcilmente as poderem dominar. Num mundo de blocos políticos, ideológicos e religiosos adversos, as próprias Igrejas sentem-se forçadas além disso, a organizarem-se de tal maneira que a sua influência possa ser reconhecida como uma força-oposta política e religiosa.

Pode ser obrigação das Igrejas resistir a pressões que tenham em vista uma tal unidade. Mas existem apelos a uma unidade mais estreita que, embora não sejam de natureza teológica influenciam profundamente a vida própria e o testemunho da Igreja».

GUSTAVE THILS

REVISTA DOS ALUNOS
DO SEMINÁRIO DE
CRISTO - REI "OLIVAIS,,